

A CREONTE O QUE É DE ANTÍGONA

Luiz Paulo Vasconcelos

O grande mérito da encenação de Luciano Alabarse da *Antígona*, de Sófocles, foi ter restituído a Creonte o papel de protagonista da tragédia. Não que o espetáculo não possua outros méritos, mas, para mim, esta questão narrativa se sobrepõe às demais. Para o bem ou par o mal, durante grande parte do século 20, a personagem de Antígona reinou absoluta no imaginário dos encenadores – no meu inclusive, que cometi uma versão da tragédia ali pelo final dos anos 70. Mas na minha época havia uma ditadura exigindo o acirramento das personagens, insuflando a rebeldia apaixonada de Antígona em oposição ao despotismo impiedoso de Creonte. A Creonte, portanto, não restava muito mais do que exercer o papel de antagonista de uma Antígona necessariamente heróica, necessariamente rebelde, uma lutadora pela causa da liberdade pessoal. Daí não importar, no meu espetáculo, a catástrofe que se abatia sobre ele. O que resultou, sem dúvida, numa simplificação do complexo universo do clássico grego, mas que, também sem qualquer dúvida, era legível e fiel às circunstâncias em que a peça estava sendo encenada.

No seu espetáculo, Luciano esclarece esses papéis indo além do texto, criando ao longo do episódio final as cenas dos suicídios de Hemon e Eurídice, o filho e a esposa do tirano. No primeiro momento, pensei: mas por que não encenar também a morte de Antígona, de muito maior impacto na emoção da platéia? Afinal, Creonte é quem está sendo submetido a processo trágico, pois ali estava ele, na minha frente, sucumbindo justamente porque havia escolhido um caminho para fugir à ruína. Em outras palavras, na minha encenação só havia uma escolha a ser considerada e esta era a de Antígona.

Na encenação do Luciano, 30 anos depois, é necessário repetir, há dois casamentos, duas escolhas a serem consideradas, e o trágico então se processa em ambas, mais consistentemente, na minha opinião, no personagem de Creonte.

A questão dessas trajetórias distintas se cruzando numa única obra sintetiza a grandeza da peça. As razões de Antígona e de Creonte são distintas, assim como distintos são seus destinos. Como interpretá-los? Bem, aqui entra a dialética da história, cada época iluminando uma leitura possível.

No fim de contas, um clássico é um clássico justamente por oferecer o número de respostas que a posteridade exige. No caso desta montagem, diante da hegemonia de Creonte, fica me martelando na cabeça uma temerária possibilidade. No contexto brasileiro de hoje, numa época, enfim, em que a fidelidade a posições históricas é relegada em nome de uma conveniente governabilidade, não será Creonte, o defensor da lei da comunidade humana, quem deva ocupar o centro da cena?

Na encenação do Luciano há coisas a serem discutidas. A música, que não permite que se entenda o texto, reduzindo consideravelmente o impacto do coro. A iluminação, que se recusa a mostrar os rostos dos personagens. O cenário, estruturado a partir de uma horizontal no fundo da cena e que reduz a magnitude das figuras. Assim, do ponto de vista da linguagem visual, ficam sendo os figurinos de Malú Roch os responsáveis pelo tom de historicidade, pela cor e pela beleza do espetáculo.

Quanto ao elenco, contrariando o que costuma se ver no teatro brasileiro, o time masculino é (quase) superior ao feminino. Mauro Soares, José Baldissera, Alexandre Silva e Juliano Rossi ficam com as honras da noite, seguidos de Arlete Cunha e Luciana Eboli, enquanto Evelyn Ligoeki encontra problemas demasiados no seu personagem. A atriz enuncia o texto quase sem modulação, sem contrastes, insistindo nos graves da voz, sem se permitir revelar uma dúvida, uma fraqueza, um temor, o que, no fim de contas, é o que fundamenta a humanização do personagem. Aí, quando ela diz que não nasceu para partilhar o ódio, mas o amor, fica no ar a pergunta: mas que amor? Como se fosse possível representar a rebeldia sem uma boa dose de paixão.